

CURSO: A CLÍNICA PSICANALÍTICA E AS DROGAS *

Véra Motta

1. CONCEPÇÃO FREUDIANA DO MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

Em um artigo escrito em 1927, intitulado "O Humor", Sigmund Freud coloca o humor numa série de:

(...) métodos que a mente humana construiu a fim de fugir à compulsão para sofrer - uma série que começa com a neurose e culmina na loucura, incluindo a intoxicação, a auto-absorção e o êxtase (FREUD, 1974 (a): 191).

Em 1930, ele irá publicar um dos mais importantes trabalhos para a compreensão dos problemas da vida moderna: "O Mal-estar na Civilização", em que discute a finalidade da vida humana - a busca da felicidade -, bem como os paradoxos e tropeços com que o homem se depara, nessa procura.

Freud distingue três fontes de sofrimento no homem:

- a) o corpo, condenado à decadência e à dissolução;
- b) o mundo externo, com suas exigências sempre crescentes e suas fontes destruidoras;
- c) e, finalmente, os relacionamentos com os outros homens.

O primeiro paradoxo constatado por Freud relaciona-se com a antinomia entre o desejo do homem - ser feliz - e as disposições do mundo externo: o homem busca a felicidade, mas algo interno à ordem do mundo o impede. Isso leva Freud a assinalar:

Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja 'feliz' não se acha incluída no plano da criação (FREUD, 1974 (b):95).

Um outro paradoxo é que, para Freud, a felicidade se nutre de um contraste, marcado por um instante de grande intensidade: "O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau,

sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas"(FREUD, 1974 (b):95).

Finalmente, um terceiro paradoxo aparece, na medida em que se tenta conduzir a vida pela resposta a todas as insatisfações:

Uma satisfação irrestrita de todas as necessidades apresenta-se-nos como o método mais tentador de conduzir nossas vidas,- isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela acarretando logo o seu próprio castigo (FREUD 1974 (b):96).

A fim de suportar a vida, que ele considera árdua, Freud assinala que o humano não pode dispensar as medidas paliativas, ou as "construções auxiliares". Assinala três medidas desse tipo:

- a) derivativos poderosos, que permitem extrair luz da nossa desgraça;
- b) satisfações substitutivas, que a diminuem;
- c) e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela.

Entre os derivativos, situa, por exemplo, o cultivo do próprio jardim, aconselhado por Voltaire ao término da sua obra *Cândida*, e a atividade científica:

(...) tornar-se membro da comunidade humana e, com o auxílio de uma técnica orientada pela ciência, passar para o ataque à natureza e sujeitá-la à vontade humana. Trabalha-se então com todos para o bem de todos (FREUD, 1974(b):96).

Essa é a nossa via, de trabalhadores do mundo inteiro. O caminho contrário a esse é o do isolamento voluntário: considerado como a defesa mais imediata contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos. A felicidade que se pode obter, com esse método, é a da quietude. Essa é a via dos eremitas, ou dos modernos viajantes solitários.

As satisfações substitutivas, tais como as oferecidas pela arte, são, para Freud, ilusões, em contraste com a realidade, mas nem por isso se revelam menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que a fantasia assume na vida mental.

Finalmente, a terceira das grandes construções auxiliares, as substâncias tóxicas, que influenciam nosso corpo e alteram a sua química. Freud considera a intoxicação o mais grosseiro, embora também o mais eficaz dos métodos de influência. Assinala:

Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse 'amortecedor de preocupações, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade (FREUD, 1974 (b):97).

Interessa-nos salientar a tese freudiana neste artigo, e que faz aparecimento em outros pontos de sua obra: algo da própria constituição psíquica do homem torna impossível a tarefa de evitar o sofrimento. O desenvolvimento da civilização impõe, da tal forma, restrições à liberdade do indivíduo, que este se vê obrigado a renunciar a boa parte da satisfação pulsional, com evidentes prejuízos para sua vida psíquica.

É neste espaço que a droga vem se situar, como uma satisfação substitutiva, visando diminuir o sofrimento que a vida impõe ao humano. O refúgio que o indivíduo encontra nas drogas é o que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos, já assinalava Freud, pois são os intoxicantes os responsáveis pelo desperdício de uma grande quota de energia que poderia ser empregada para o aperfeiçoamento do destino humano. Vemos aí o grau que alcançavam os ideais da civilização, no pensamento de Sigmund Freud.

2. A TOXICOMANIA: UM SINTOMA MODERNO

A palavra *toxicômano* designa um sujeito submetido a uma prática que o social imputa como excludente, de tal forma que se poderia afirmar que o personagem do toxicômano representa a figura contemporânea da vítima. Considerar a *toxicomania* a partir da clínica

psicanalítica impõe, por conseguinte, alguns marcos teóricos, que a diferenciem das demais abordagens deste fenômeno.

Em primeiro lugar, tal designação - toxicomania - não é oriunda do campo psicanalítico, mas do saber médico, constituindo:

um estado de intoxicação gerado pelo consumo de substâncias tóxicas, que cria um estado de dependência psíquica e física em relação aos seus efeitos (Dicionário Aurélio).

A clínica psicanalítica, sendo uma clínica do sujeito, não pode abordar o fenômeno toxicomania senão pelo viés da relação do sujeito com o seu gozo, outra forma de dizer do mal-estar que a civilização engendra, para o ser de linguagem que é o humano.

A civilização exige, cada vez mais, sacrifícios do sujeito. O que se lhe pede é o sacrifício do seu gozo, ou seja, renunciar ao gozo para o qual as pulsões o impelem. Vimos, com Freud, em "O Mal-estar na Civilização", as formas pelas quais o sujeito responde às exigências civilizatórias, uma das quais, a mais grosseira e não menos eficaz, é a droga.

Com Jacques Lacan, esta tese se amplia. Trata-se, agora, não apenas de renúncia ao gozo, mas da satisfação obtida a partir dessa renúncia, ou, em outras palavras, de gozar da renúncia ao gozo (LACAN *apud* SOLER, 1996). Ora, nossa civilização, que é a da ciência e do capitalismo, vai justamente arremeter contra a aspiração da falta de gozar, oferecendo ao sujeito formas pelas quais ele obtém satisfação na renúncia ao gozo. Uma dessas formas é o trabalho.

O trabalho constitui a maior forma de renúncia ao gozo, hoje em dia. Neste sentido, cumpre-se, à exaustão, um dos métodos considerados, por Freud, como um método de excelência, na defesa contra o mundo externo: tornar-se membro da comunidade humana e, com o auxílio de uma técnica orientada pela ciência, passar ao ataque à natureza e sujeitá-la à vontade humana.

“Trabalha-se então com todos para o bem de todos”: eis o lema deste método (FREUD, 1974 (b):96).

É certo que, nesta renúncia ao gozo que é o trabalho, há uma satisfação própria. Somos neste Seminário exemplo disso: com nossa aspiração pelo saber, que pode se traduzir por aspiração da falta de gozar, trabalhamos, e trabalhamos muito. Há nisso uma satisfação, que podemos apontar como “gozar da renúncia ao gozo”. O trabalho é renúncia ao gozo da vida com que se pode sonhar, tranqüila, pacata. Outro aspecto da renúncia ao gozo, em nossos dias, se encontra no consumo dos bens, ou seja, todos esses objetos postos à disposição dos indivíduos, pela ciência, que tornam a vida pretensamente mais confortável e mais segura... São objetos que facilitam a vida, é verdade, mas só em parte, porque, em realidade, eles se impõem a nós de tal modo que nos obrigam a trabalhar cada vez mais para adquiri-los, num círculo interminável e infernal.

Os toxicômanos, nesse sentido, não são trabalhadores. Seu traço marcante é que eles fazem, com sua prática, uma “objeção de fato”, uma objeção ao grande imperativo de ter que consumir os bens de mercado e ter de ganhá-los pela via do trabalho. São, com justa razão, sujeitos modernos, se considerarmos que as substâncias que consomem, e que constam da pauta de oferta das leis de mercado, são produtos que a moderna ciência produz. Aí estão, por exemplo, desde o LSD, a cocaína, o crack, o ecstasy, entre outras.

Os toxicômanos, para retomar as teses freudiana e lacaniana do mal-estar, são sujeitos que não renunciam a gozar, não se tornando membros da comunidade humana de trabalhadores. Paradoxalmente, sua prática, intensa e contínua, que os leva a gozar de um produto da pauta do mercado, obriga-os, cada vez mais, a arranjos nem sempre aceitáveis, socialmente, para conseguir o produto, integrando-os no círculo igualmente infernal, posto que mortífero, das drogas.

Cada indivíduo recebe, por vias particulares, as prescrições do discurso do seu tempo, seja por via da família, seja pelo da educação ou de outra instância social moderna. Por essas prescrições, sabe-se de que modo se deve comportar, para ser "um homem bem sucedido", "uma mulher empreendedora", "uma criança capaz".

Ora, os sujeitos não chegam a ser completamente conformes a essas prescrições uniformizantes. E isto é, simplesmente, o sintoma contra o qual a empresa de universalização da ciência se choca. A psicanálise depende disso. A droga é, justamente,

uma das modalidades que a cultura propõe ao homem civilizado da Modernidade, como resposta ao mal-estar que ela própria engendra, constituindo um sintoma coletivo dos mais expressivos.

3. A CLÍNICA PSICANALÍTICA NO CAMPO DAS DROGAS

Pode-se, então, perguntar - o que permite situar os chamados toxicômanos no campo da clínica psicanalítica? Para abordar a questão, propomo-nos partir das noções primeiras, em seu mais amplo sentido, do fundador deste campo, Sigmund Freud.

3.1 A ADIÇÃO COMO SUBSTITUTO DA MASTURBAÇÃO

Em sua correspondência frutuosa com Wilhelm Fliess, numa carta de 22 de dezembro de 1897, preocupado com o hábito da masturbação, a que chama de vício primário, Freud alinha uma série de outros hábitos sucedâneos a este: o álcool, a morfina, o fumo e "coisas parecidas" (FREUD, 1986(a): 288). Podemos entender esta asserção a partir do fato de que a masturbação é uma tentativa, privilegiada, de recusar a aposta do combate entre os sexos, de tal modo que o masturbador obtém um gozo auto-erótico, prescindindo do parceiro sexual. Tal como o masturbador, o toxicômano tenta infiltrar o gozo no corpo, gozo que se torna cada vez mais e mais solitário (SINATRA 1995).

No ano seguinte, no artigo "A sexualidade na etiologia das neuroses", Freud volta a afirmar:

Quebrar no paciente o hábito da masturbação é apenas uma das novas tarefas terapêuticas impostas ao médico que leva em conta a etiologia sexual dessa neurose; e parece que precisamente essa tarefa, como a cura de qualquer outro vício, pode ser efetuada em uma instituição sob supervisão médica. Abandonado a si mesmo, o masturbador se acostuma, sempre que acontece alguma coisa que o deprime, a retomar à sua cômoda forma de satisfação (FREUD, 1976 (a):302).

A estratégia freudiana consistia em fazer o sujeito retornar ao intercurso sexual normal, ou seja, ao gozo que passa, necessariamente, pelo Outro.

Ora, se com a masturbação o sujeito se esquia do confronto com o Outro sexo, num combate em que os amantes, constantemente, tropeçam, o toxicômano, com sua droga, parece, igualmente, esquivar-se da questão sexual. Daí porque reduzir o tratamento do toxicômano à abstinência ou à privação da substância, sem se importar com a fonte da qual brota essa necessidade imperativa, soa inadequado para Freud. O narcótico, salienta o autor, serve de substitutivo para uma falta de satisfação sexual, e, a menos que se restitua essa via no sujeito, toda e qualquer tentativa fracassará. Compreendemos que o restabelecimento dessa via não passa, necessariamente, pelo ato sexual, mas pela palavra que institui o Outro sexual no discurso do sujeito. Em outro artigo, datado de 1912, “Contribuições a um debate sobre a masturbação”, Freud destaca a importância do sentimento de culpa ligado à masturbação, qualquer que seja sua fonte (FREUD, 1969:307).

3.2 O JOGO

Em 1928, quando publica “Dostoiévski e o parricídio”, Freud assinala que, na história de uma neurose, acompanhada por um sentimento de culpa tão severo, um papel especial é desempenhado pela luta contra a masturbação. Essa expectativa, segundo ele, é completamente atendida pela inclinação patológica de Dostoiévski ao jogo. Neste artigo, Freud examina quatro facetas na personalidade do escritor: o artista criador, o neurótico, o moralista e o pecador. A segunda e a quarta nos interessam aqui, em especial, pela sua relação com o tema da toxicomania.

A faceta neurótica do escritor russo encontra apoio no caráter histérico das crises epiléticas, uma das quais ocorre em momento significativo de sua vida, na noite de núpcias com sua primeira esposa, Maria, ou seja, num encontro com o Outro sexo. A análise procedida por Freud demonstra que o ataque epileptiforme destina-se a substituir uma satisfação auto-erótica praticada no passado e à qual o indivíduo renunciou. O coito, que na Antiguidade era descrito como 'uma pequena epilepsia', mostra o caminho para a descarga motora da libido recalcada em um ataque histérico.

Na biografia do escritor, sabe-se das crises de estados sonolentos que acometiam o pequeno Dostoiévski, e que Freud supõe relacionarem-se com um desejo inconsciente de morte dirigido ao pai. A crise histérica, epileptiforme, aparece, pois, como uma autopunição por esse desejo de morte contra um pai odiado. O parricídio é considerado o crime principal e primevo da humanidade, e é a principal fonte do sentimento de culpa. Freud relaciona o sentimento de culpa exacerbado do escritor à sua paixão pelo jogo, que consome todas as suas economias e o obriga a uma vida errante.

A mania do jogo em Dostoiévski é considerada por Freud como um acesso inequívoco de paixão patológica. Seu sentimento de culpa, supõe Freud,

(...) tinha assumido forma tangível como se fosse um ônus de dívidas, e ele pôde refugiar-se no pretexto de estar tentando, com seus ganhos nas mesas de jogo, possibilitar a volta à Rússia sem ser preso pelos credores(...) Sabia que o importante era o jogo pelo amor ao jogo – le jeu pour le jeu (...) Para ele, o jogo era também um método de autopunição(...) Quando suas perdas os reduziam à mais extrema necessidade, extraía disso uma segunda satisfação patológica. Podia então censurar-se e humilhar-se (...) (FREUD, 1974(c): 219-20).

Freud ainda observa que a produção literária do escritor nunca ia tão bem como quando ele perdia tudo e empenhava suas últimas posses, o que podia ser compreendido como uma suspensão da inibição, pelo castigo que se havia infligido.

Na clínica da toxicomania, esse fenômeno também pode ser observado nas constantes manobras dos sujeitos com as autoridades que representam a lei, que freqüentemente os pune, liberando-os, desse modo, de se infligirem, eles próprios, os castigos que lhes demanda o supereu exigente. A origem da compulsão ao jogo é localizada por Freud na puberdade: trata-se de uma fantasia, carregada de desejo, que impele o pequeno homem freudiano em direção à mãe, para que esta o inicie na vida sexual, livrando-o dos perigos da masturbação. A paixão pelo jogo constitui um equivalente da antiga compulsão a se masturbar.

3.3. O ALCOOLISMO, UM MODELO DE CASAMENTO FELIZ

Num artigo em que procura analisar as causas da impotência psíquica nos homens, intitulado "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do Amor II), Freud afirma.

Toda a esfera do amor, nessas pessoas, permanece dividida em duas direções personificadas na arte do amar tanto sagrada como profana (ou animal). Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar (FREUD, 1970:166).

A principal medida protetora contra essa perturbação consiste na depreciação do objeto sexual. Assim sendo, a escolha amorosa entre os homens procede por exclusão: ou da mãe, objeto digno de amor, ou da puta, cuja depreciação é indispensável à colocação do desejo.

Essa clivagem se enuncia como um sintoma, o da impotência sexual. O sofrimento reside na coexistência impossível do amor com a satisfação sexual, que a mulher, tomada como objeto imaginário, encarna através de figuras antinômicas. O sujeito teme encontrar, na parceira, um dos traços que a mãe possui, resultando disso, como medida protetora, a desvalorização do objeto sexual. Neste sentido, Freud aponta as manobras feitas com o objetivo de intensificar a libido, ou seja, aumentar o valor do objeto: para isso, erguem-se obstáculos,

e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais, a fim de poder gozar o amor" (*id. ibid*: 170).

O caráter de frustração da satisfação, colocada na base de toda relação amorosa, não é fortuito, como se poderia pensar, mas decorre de uma falha estrutural da pulsão, de não poder ser satisfeita inteiramente. Assim, diz Freud, algo na natureza do próprio instinto sexual é desfavorável à realização da satisfação completa. Contrariamente a essa posição da pulsão, que cresce de importância psíquica, na medida em que se vê frustrada, Freud situa a relação do bebedor e de sua bebida.

Trata-se de uma relação de exceção, em que não aparece a clivagem ou divisão entre a mãe e a puta, como na escolha do objeto amoroso; ao contrário, o laço do bebedor com o vinho é estável, regular, e dele o sujeito não se queixa. O bebedor reúne num só objeto amor e

gozo, sem a frustração da satisfação, o que o torna um amante atípico, a tal ponto que leva Freud a afirmar:

Se atentarmos para o que dizem os grandes alcoólatras, como Bocklin, a respeito de sua relação com o vinho, ela aparece como a mais harmoniosa possível, **um modelo de casamento feliz** (*id. ibid.*: 171).

A relação do bebedor com o vinho é fora do comum, na medida em que o bebedor não se importa com os impasses do sexo. A satisfação tóxica, de acordo com Bernard Lecoeur, caracteriza-se por um gozo fabricado, monótono, que ele identifica ao gozo do Mesmo: trata-se, para o sujeito, de ser sempre o mesmo para o Outro. Diferentemente do homem que ergue obstáculos para o seu objeto de escolha amorosa, o bebedor não procura, segundo Freud, um país em que seja proibido beber, ou seja, ele não contesta o Outro da lei, nem mesmo o despreza. Em outros termos, o bebedor não procura interdição para gozar. Goza da bebida, que é um objeto incômodo ao casal, à família, e mesmo à sociedade. (LECOEUR, 1992).

Enfim, o bebedor, ou, como aqui designamos, o alcoolista, busca um objeto – lícito em termos das disposições da lei – para gozar, um objeto de que ele extrai o excesso, pela mesma via que tem a palavra, a via oral. No seu apagamento, típico dos estados de embriaguez, o bebedor realiza, atua o esquecimento, aliviando o sujeito da satisfação diminuída, e isolando-o dos acontecimentos desagradáveis, em particular das flutuações da vida amorosa. É um "amor sem riscos" o que o bebedor conhece, o verdadeiro modelo do casamento feliz.

3.4. A MANIA NO ALCOOLISMO E NA TOXICOMANIA

O termo *mania*, que aparece na palavra toxicomania, tem sua inscrição na Psicanálise desde 1894, quando Freud escreve a Fliess uma carta, apelidada de “Rascunho G”, em que aborda a enfermidade da melancolia. Salienta Freud que os efeitos da melancolia são, entre outros, a inibição psíquica com empobrecimento pulsional e dor, e a contrapartida desse processo de dor é, muito justamente, a mania (FREUD, 1986(b)). Em 1917, no seu artigo “Luto e melancolia”, discute a mania na seção final do artigo, estabelecendo relação entre

os estados tóxicos e os fenômenos de excitação maníaca, próprios de certos tipos de melancolia (FREUD, 1974 (d)).

Em 1921, em outro artigo, “Psicologia de Grupo e a Análise do Ego”, Freud reconhece, nos casos de mania, que o ego e o ideal do ego se fundem de tal modo que a pessoa, em estado de ânimo de triunfo de auto-satisfação, sem se perturbar por nenhuma autocrítica, desfruta a suspensão de suas inibições, sentimentos de consideração pelos outros e autocensuras (FREUD, 1976(b)). Com “O Ego e o Id”, artigo de 1923, retorna à questão, afirmando que, em alguns estados de melancolia, o superego, excessivamente forte, dirige-se com violência impiedosa contra o ego, de forma sádica, e, para afastar o sujeito disso, o ego afasta o tirano superego, mudando para a mania(FREUD 1976(c)).

Colette Soler, em seu *Estudios sobre las Psicosis* (SOLER, 1989), reconhece uma simetria, invertida, entre os estados melancólicos e os maníacos: o luto ou a tristeza melancólica está para a melancolia assim como a festa está para a mania. A alegria da transgressão passa a ser a chave da mania, tal como a dor, o sofrimento da perda, o são para a melancolia. Como entender o triunfo, a alegria jubilosa, maníaca? Ao contrário do que afirma Freud, Coler assegura que o superego, antes de ser um princípio de limitação, constitui um princípio de excesso, a serviço do gozo. Em outros termos, o mandamento do superego é “Goza!”.

Em “Luto e Melancolia”, Freud (1974(d)) assevera que a embriaguez alcoólica pode ser explicada da mesma maneira que a mania: ocorre aí uma suspensão, produzida por toxinas, de dispêndios de energia na repressão, ou seja, estabelece-se, entre a instância de censura e o ego uma luta, da qual sai vitorioso o ego, em estado de triunfo, liberando a libido e tornando o sujeito “alegre” e animado, desinibido em sua ação. Colette Soler critica Freud por não dar-se conta do risco mortal implicado na noção de festa, na mania, sem diferenciar a vitalidade bizarra do maníaco, que ameaça, com suas ações, sua própria vida, do sujeito que assume sem reservas suas pulsões. Em outras palavras, ele não distingue o maníaco do cínico.

A noção do cínico ultrapassa a mera definição que lhe dá o dicionário, constituindo-se numa expressão cunhada pela Filosofia, que designa todo aquele que pertence à escola

filosófica de Antístenes e de Diógenes, e que pretendia retornar à natureza, desprezando as convenções sociais, a opinião pública e a moral comumente admitida. Diógenes foi mais longe que o seu mestre Antístenes: não apenas negava a existência de Deus, o valor das leis e a idéia da mãe-pátria, como chegou a defender o canibalismo. O prazer lhe era irrelevante, praticava freqüentemente a masturbação e se opunha, energicamente, a quem pretendesse legislar sobre suas condições de vida (SINATRA, 1995:113).

Jacques-Alain Miller, no artigo intitulado “Clôture” (1989), afirma que há um outro tipo de gozo que não passa pelo corpo do outro, mas pelo próprio corpo – e que se inscreve sob a rubrica do auto-erotismo. A esse gozo ele designa de gozo cínico – historicamente ligado a Diógenes - pois rejeita o Outro, não passa pelo corpo do Outro. Miller vê aí desprender-se a especificidade do gozo toxicomaniaco, que, entretanto, difere da solução da psicose. A toxicomania é menos uma solução do problema sexual do que a fuga para não se colocar este problema.

O toxicômano, ou aquele que faz uso dos produtos da ciência, parece inscrever-se nas coordenadas da posição cínica - não há Outro, não é necessário efetuar nenhuma cruzada para dedicar-lhe sacrifícios nem oferendas. Apenas, talvez, incomode quem pretender interferir em sua vida, em nome de seu bem, ou do bem comum. Resulta dessas aproximações que o toxicômano não se coloca do lado da psicose, mas, mais precisamente, do lado de Diógenes, na posição cínica, do sujeito que assume, sem reservas, suas pulsões.

3.5. A CLÍNICA DO GOZO

Na clínica do toxicômano, é essencial articular uma clínica do gozo, se se almeja abordar a toxicomania pelo viés da Psicanálise que, por sua vez, não se reduz à fala e à linguagem, mas envolve também o corpo, feito para gozar. Pode-se ter uma idéia do gozo quando se indaga a respeito, quando se fala dele, único meio de contê-lo. Durante sua trajetória de tratamento numa instituição, o toxicômano pode formular uma demanda ao analista. É uma demanda a partir de uma angústia e de um gozo, que o dispositivo de tratamento não consegue conter.

A presença do analista na instituição permite trabalhar esta demanda e abrir uma clínica do sujeito na transferência, pivô da experiência analítica e, paradoxalmente, seu principal obstáculo. A clínica do sujeito tem um lugar nas instituições para toxicômanos, desde que haja analistas que ocupem este lugar. O que se observa, comumente, é que os toxicômanos procuram centros especializados, hospitais, serviços de assistência social, mas, raramente consultam o psicanalista. Daí a importância da presença do analista nestas instituições, com o fim de fazer instalar o que chamamos a clínica do sujeito, e que a designação toxicômano acaba por eludir.

Cabe também aos analistas a tarefa de buscar, na clínica destes sujeitos, as diversas formas de relação que se estabelecem entre esta prática e a posição do sujeito na estrutura, seja neurose, psicose ou perversão. Na neurose, o consumo de substâncias tende a anular a aposta em função do falo, o que resulta, como efeito, que o sujeito se faz parceiro praticamente exclusivo de um objeto e de uma prática, da qual obtém um gozo que não passa pelo Outro, em sua vertente sexual. Isso põe o sujeito ao abrigo da angústia e do sintoma, e é por isso que não vemos o toxicômano buscar a análise, pois não há sofrimento de sintoma implicado - o que há, muitas vezes, é um pedido de restabelecimento da ordem das coisas, por eventual perda do controle.

Na psicose, o consumo funciona como um modo de suplência, de estabilização dos laços sociais, já frágeis nestes sujeitos, limitando, ao mesmo tempo, o gozo que os invade, gozo mortífero que se vê aplacado, provisoriamente, pela prática do drogar-se. Daí a importância de estabelecer-se o diagnóstico diferencial na clínica e as formas ou modalidades de relação da prática com a posição do sujeito na estrutura.

A origem da angústia, no sujeito falante, pode ser localizada quando este se dá conta de sua relação com o falo, ou seja, de que está casado com seu pequeno pipi, como Freud assinalou a respeito do caso do menino Hans. Tudo o que permite escapar a este casamento é benvindo, donde o êxito da droga. Eis o que assinala Jacques Lacan em “Séance de Clôture” ou na Sessão de Encerramento das IV Jornadas de Estudo dos Cartéis da Escola Freudiana de Paris:

não há outra definição da droga senão esta: é o que permite romper o casamento com o pequeno pipi (LACAN, 1975:268). (Tradução livre).

Lacan toma como ponto de partida a hipótese freudiana da droga como um método capaz de atenuar os efeitos do gozo que afetam o sujeito em sua dor de existir. Entretanto, confere especificidade à operação de separação que a droga realiza. Frente ao Outro do outro sexo, o toxicômano esbarra nas dificuldades que envolvem o casamento que todo sujeito deve, um dia, contrair, do gozo fálico com seu corpo, uma função de nó, em torno do qual o sujeito se posiciona frente ao sexo.

Para o toxicômano, essa relação é de impasse. O recurso imperioso ao produto é, na opinião de Jésus Santiago, um pretexto para fazer prevalecer a vontade de infidelidade do toxicômano, face a essa relação com o gozo fálico, que o incomoda de modo tão especial (SANTIAGO, 1992).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. Contribuições a um debate sobre a masturbação. In: *O Caso de Schreber, Artigos sobre Técnica e Outros Trabalhos*, p.303-19. Obras Psicológicas Completas, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do Amor II). In: _____. *Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e Outros Trabalhos*, p.159-73. Obras Psicológicas Completas, v.XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

_____. O Humor. In: _____. *O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e Outros Trabalhos*, p.187-94. Obras Psicológicas Completas, v.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (a).

_____. O Mal-Estar na Civilização. In: _____. *O Futuro... op. cit.*, p.75-171. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (b).

_____. Dostoiévski e o parricídio. In: _____. *O Futuro... op. cit.*, p.203-27. Rio de Janeiro: Imago, 1974(c).

_____. Luto e Melancolia. In:_____. *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos*, p.271-91. Obras Psicológicas Completas, v.XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (d).

_____. A sexualidade na etiologia das neuroses. In:_____. *Primeiras publicações psicanalíticas*, p. 287-312. Obras Psicológicas Completas, v.III. Rio de Janeiro: Imago, 1976(a).

_____. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. In: *Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos*, p.89-179. Obras Psicológicas Completas, v.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (b).

_____. O Ego e o Id. In:_____. *O Ego e o Id e Outros Trabalhos*, p. 13-83. Obras Psicológicas Completas, v.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976(c).

_____. Carta 79. In: MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*, p.288-90. Rio de Janeiro: Imago, 1986 (a).

_____. Rascunho G. Melancolia. In: MASSON *op. cit.*, p.98-106. Rio de Janeiro: Imago,1986(b)

LACAN, Jacques. Séance de Clôture. *Actes de IV Journées d'Etude des Cartels de L'École Freudienne de Paris*, p.263-70. Paris: EFP, 1975.

LECOEUR, Bernard. Clínica de um casamento feliz. Elementos para uma Clínica Psicanalítica do Alcoolista. In:_____. *O Homem Embriagado*, p.20-9. Cicio de Conferências realizado por ocasião da V Jornada do CMT. Belo Horizonte: CMT, 1992.

MILLER, Jacques-Alain. Clôture. In: LECOEUR, B. et alii. *Le toxicomane et ses thérapeutes*, p.131-8. Paris: Navarin, 1989.

SOLER, Colette. El sintoma en la civilización (El psicoanalista y las letosas). In: SOLER et alii. *Diversidad del síntoma*, p.84-103. Buenos Aires:EOL, 1996

_____. *Estudios sobre las psicosis*. Buenos Aires: Manantial, 1989.

SANTIAGO, Jesús. Introdução. Clínica da Toxicomania e do Alcoolismo no Campo Freudiano. In: LECOEUR, *O Homem... op. cit.*, p. 7-16.

SINATRA, Emesto. La existencia del goce y la del toxicomano. In: SINATRA, SILLITTI, TARRAB (comp.) *Sujeto, goce y modernidad III*; de la monotonía a la diversidad, p.109-19. Primera Jornada sobre Toxicomania y Alcoholismo del Instituto del Campo Freudiano, Paris, julio 1994. Buenos Aires: Atuel TyA, 1995.

* Curso ministrado durante o Seminário Interdisciplinar “O mal-estar no fim do Século XX” promovido pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS e Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Bahia/ Pólo Feira, de 12 a 16 de maio de 1997.